



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de lançamento do Programa Integrado de Juventude**

Brasília-DF, 05 de setembro de 2007

Eu preciso tomar cuidado com o meu discurso para não terminar falando boa noite para vocês, já que não começou de dia, como nós queríamos.

Eu quero cumprimentar os companheiros ministros que tanto contribuíram para que nós pudéssemos apresentar hoje essa proposta e levar ao Congresso Nacional,

Quero agradecer ao Beto Cury pelo extraordinário trabalho,

Quero agradecer a compreensão da juventude que participa do Conselho Nacional da Juventude, sobretudo os companheiros da UNE, que têm dado uma contribuição extraordinária para que a gente vença obstáculos com os nossos companheiros do ProUni, que tem sido motivo de orgulho para nós em cada cidade, em cada estado do País.

Mas, companheiro Dulci, companheiro Beto, não precisava acontecer mais nada aqui, hoje, depois da apresentação e dos depoimentos. Mais nada. Se nós tivéssemos o juízo que tiveram os meninos que falaram aqui, depois da fala deles nós sairíamos em silêncio, iríamos para o nosso trabalho dizer em alto e bom som: valeu a pena a gente enfrentar os descrentes deste País. Qual é o grande problema que nós enfrentamos? É que toda vez que a gente pensa uma política que ainda não existia, uma política que às vezes oferece uma pequena oportunidade, aparecem os pessimistas dizendo: “isso não vai dar em nada, não vale a pena, isso não dá certo. Imagine, precisa apostar na criança, esses adolescentes já estão perdidos, não sei para que acreditar neles. Dar 100 reais não resolve o problema, não ajuda.”

Na verdade, é quase uma revoadada de aves de mau agouro não



querendo que as coisas dêem certo neste País. É como se nós estivéssemos subindo uma escada de 16 degraus e tivesse companheiros mais frágeis, mais debilitados, e no fim da escada tivesse tudo que é tipo de comida gostosa, que a gente gosta, e aquele mais esperto e com mais saúde subisse sozinho, comesse tudo e não parasse para estender a mão e pegar os que estavam mais devagar para falar: “vamos juntos, companheiros, vamos repartir aquela comida, porque aquela comida é nossa, aquela comida é coletiva.”

Essa proposta, e o que foi feito até agora, não é a solução definitiva para resolver o problema das pessoas, não é. Certamente, o Congresso Nacional pode aperfeiçoar de forma extraordinária as coisas que nós estamos mandando, até porque lá também tem gente que conhece muito o problema que vive grande parte da juventude brasileira.

Mas se a gente pode dizer que não resolveu todos os problemas, eu queria dizer para vocês uma coisa: para mim, uma oportunidade como esta me fez chegar à Presidência da República deste País. E isso não é pouca coisa. Não é um cargo qualquer. E foi graças a uma oportunidade, porque eu também só tenho o 4º ano primário, é importante lembrar disso, antigamente eu tinha vergonha, hoje eu gostaria de ter mais, mas eu tinha orgulho de ter tido o 4º ano primário, de ter tido a oportunidade de fazer um curso técnico, de ter tido o espaço que vocês estão tendo agora. Obviamente que a gente não pode cuidar com o mesmo tempo que estaríamos cuidando se estivesse na normalidade da vida de vocês. O que nós estamos pegando, é como se fosse aquela corrida em que o cidadão passa e entrega o canudo para o outro e, às vezes, o que pega o canudo está mais devagar do que aquele que vinha correndo. Seria melhor que aquele que vinha correndo seguisse correndo, seria melhor cuidar só de quem não tem problema, mas esses não precisam do Estado, o Estado precisa cuidar dos que têm necessidade, dos que precisam do Estado brasileiro.

Tem uma parte da sociedade que Deus já abençoou, é verdade que tem



um pai que pode pagar uma boa escola, tem um pai que pode comprar... Eu não falo isso achando ruim não, eu acho que seria maravilhoso se todo mundo tivesse, mas o drama daquele menino que não conseguia se reunir com pessoas, é o drama de muita gente neste País, porque as pessoas parece que enxergam o mundo com um bloqueio, e o mundo não se abre para receber essas pessoas.

Dulci, você sabe quantas vezes eu cobre de você resultado do ProJovem. Depois fomos a Recife, naquele ato, e eu voltei convencido da importância do ProJovem pelo calor daquelas pessoas. Meninas de 17 anos com 2 filhos e freqüentando a escola, meninos que tinham sido presos e pelo bom comportamento saíam da cadeia para freqüentar a escola. Então, é possível o Estado brasileiro, não apenas acreditar, mas abrir todas as portas possíveis para que os jovens possam passar por essas portas e conquistar o direito de voar. Voar com liberdade, voar depois de ter almoçado, depois de ter jantado, depois de ter estudado, voar de barriga cheia, porque de barriga vazia cai e morre ou cai no banditismo, cai no narcotráfico. Eu acho que se nós conseguirmos, com a ajuda do Congresso, aprovar isso e alargar esse Programa, que atende 700 mil pessoas, para 4,2 milhões, será um passo gigantesco que a gente vai estar dando, Tarso, porque ao invés de construir espaço para prender jovens ou educar jovens, a gente vai construir escolas arejadas, oportunidades de emprego. É isso que nós estamos fazendo.

Portanto, eu queria pedir a compreensão dos nossos queridos companheiros parlamentares. Esse processo vai chegar lá, esse Programa não pode ser visto como um programa do governo federal, como um programa do presidente Lula. Embora tenha sido lançada a Lei hoje aqui, para ser aprovada no Congresso, esse Programa tem que ser assumido, Marcelo, pelos governadores, ele tem que ser assumido pelos prefeitos, ele tem que ser assumido pelas comunidades, ele tem que ser assumido por aqueles que não precisam desse Programa do governo porque já estudaram bastante e têm que



ser solidários com os jovens que não tiveram oportunidade. É um programa, na verdade, com cara, com cheiro de solidariedade com quem perdeu o ônibus que passou na sua frente e não conseguiu pegá-lo.

É assim que a gente precisa ver este Programa. Normalmente, no Brasil, se amesquinhou tanto a política, que faz-se um programa de um governo e o outro não pega porque foi daquele governo. Faz-se um programa do governo federal e o prefeito não quer colocar em prática porque é do governo federal. Faz-se um programa do governo estadual e o governo federal não quer porque é do governo estadual. Essa pequenez política, que quase tornou milhões de jovens pequenos diante da sobrevivência, nos demonstrou, numa lição de vida extraordinária, que esses jovens estão dizendo para nós: “pelo amor de Deus, nos dêem apenas uma oportunidade, nada mais do que isso, nós precisamos apenas de uma oportunidade”.

Eu quero parabenizar o Dulci, porque no fundo, no fundo, ele é o coordenador-geral dos Ministérios na questão da política social. A quantidade de dinheiro que estamos colocando, certamente algumas pessoas vão escrever, Dulci, assim: “governo está gastando 5 bilhões em 4 anos, quando poderia fazer asfalto numa estrada, quando poderia construir uma ponte”. Outros vão dizer: “o governo está dando dinheiro para a juventude e daria para fazer 10 casinhas populares”. É assim. No Brasil só se nivela as coisas por baixo, é a pequenez de visão do que significa isso. Se há 20 ou 30 anos, os governantes tivessem feito a sua parte, mesmo que pequenininha, nós não teríamos hoje um estoque imenso de jovens e adolescentes fora do mercado de trabalho, fora da escola e fora das oportunidades.

Então, eu quero dizer para vocês que se não tivesse me acontecido nada hoje, apenas o depoimento desses quatro jovens que aqui falaram, e de uma jovem, já teria valido a pena passar pela Presidência da República deste País.

Muito obrigado e boa sorte a todos vocês.



Presidência da República
Secretaria de Comunicação Social
Discurso do Presidente da República

Eu queria chamar aqui o Pedrinho, o primeiro orador, representando Minas Gerais, porque ele pediu e vai receber o livro aqui, no ato. Eu queria ver se os meninos e a menina que fizeram uso da palavra poderiam vir aqui para a gente tirar uma foto coletiva.